

erin watt

REINO EM  
PEDAÇOS

SÉRIE THE ROYALS – LIVRO 5

*Tradução*  
Regiane Winarski



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

# Capítulo 1



EASTON

Todo mundo está gritando.

Se eu não estivesse em estado de choque, sem mencionar o fato de estar bêbado que nem um gambá, talvez conseguisse ouvir os gritos individuais, relacioná-los a certas vozes, entender as palavras cáusticas e acusações furiosas sendo berradas.

Mas, no momento, me parece uma única onda de som, sem fim. Uma sinfonia de ódio, preocupação e medo.

— ... a culpa é do seu filho!

— Porra nenhuma!

— ... denunciar...

— Easton.

Minha cabeça está escondida nas mãos, e esfrego minhas palmas cheias de calos contra meus olhos.

— ... está aqui? ... devia ter levado você algemado, seu filho da puta... agressão...

— ... quero ver você tentar... não tenho medo de você, Callum Royal. Sou o promotor...

— Assistente do promotor.

— Easton.

Meus olhos estão secos e coçando. Tenho certeza de que estão vermelhos. Quase sempre ficam vermelhos quando encho a cara.

— Easton.

Sinto algo bater contra meu ombro, e uma voz sobressai em relação às outras. Viro a cabeça e vejo minha irmã posticha me olhando, a preocupação estampada em seus olhos azuis.

— Você não se mexe há três horas. Fala comigo — Ella implora, baixinho. — Me deixa ver se você está bem.

Bem? Como eu poderia estar bem? É só ver o que está acontecendo, caralho. Estamos em uma sala de espera particular no Bayview General; os Royal não precisam esperar com o resto dos plebeus na verdadeira sala de espera da emergência. Nós temos tratamento especial onde quer que vamos, até mesmo em hospitais. Quando meu irmão mais velho, Reed, foi esfaqueado, no ano passado, levaram-no para a cirurgia como se fosse o próprio presidente, sem dúvida roubando a sala de alguém que precisava mais. Mas o nome de Callum Royal vai longe no estado. Porra, no país. Todo mundo conhece meu pai. Todo mundo tem medo dele.

— ... denúncia criminal contra seu filho...

— A porra da sua filha é responsável por...

— Easton — suplica Ella de novo.

Eu a ignoro. No momento, ela não existe para mim. Nenhum deles existe. Nem Ella. Nem meu pai. Nem John Wright. Nem mesmo meu irmão mais novo, Sawyer, que teve permissão de se juntar a nós depois de levar alguns pontos na têmpera. Um enorme acidente de carro e Sawyer saiu com apenas um arranhão.

Enquanto isso, o gêmeo dele está...

Está o quê?

Não sei de porra nenhuma. Não recebemos nenhum comunicado sobre Sebastian desde que chegamos ao hospital. O corpo ensanguentado e torto foi levado em uma maca e a família foi enviada para aquela sala para esperar a notícia se ele está vivo ou morto.

— Se meu filho não sobreviver, sua filha vai pagar por isso.

— Você tem certeza de que ele é seu filho?

— Seu escroto!

— O quê? Me parece que todos os seus filhos precisam de exames de DNA. Por que não fazer todos agora? Afinal de contas, estamos em um hospital. Vai ser fácil tirar sangue e confirmar quais dos seus filhos são Royal e quais são filhotes de O'Halloran...

— Pai! CALA A BOCA!

A voz angustiada de Hartley penetra em mim como uma faca. Os outros podem não existir pra mim agora, mas ela existe. Ela estava sentada no canto da sala fazia três horas, sem falar nada, como eu. Até o momento. Agora, no entanto, ela está de pé, os olhos cinzentos ardendo de fúria, a voz aguda ecoando com acusação quando ela pula na direção do pai.

Nem sei por que John Wright está aqui. Ele não suporta a filha. Mandou Hartley para um colégio interno. Não a deixou ir pra casa quando ela voltou para Bayview. E gritou com ela hoje, dizendo que ela não era da família dele e ameaçando mandar a irmázinha dela para longe.

Mas, depois que as ambulâncias levaram Hartley, os gêmeos e a namorada dos gêmeos, o sr. Wright foi a primeira pessoa a sair para o hospital. Talvez ele queira ter certeza de que Hartley não vá contar para ninguém a pessoa horrível que ele é.

— Por que você está aqui? — Hartley grita meus pensamentos. — Eu não me machuquei no acidente! Estou bem! Não preciso de você aqui. Aliás, eu não *quero* você aqui!

Wright grita alguma coisa para ela, mas não estou prestando atenção. Estou ocupado demais observando Hartley. Desde que o carro bateu no Range Rover dos gêmeos em frente à mansão do pai dela, ela insiste que está bem. Não pra mim, claro; não, ela não olhou nem ao menos uma vez pra mim. Eu não a culpo.

Eu fiz isso. Destruí a vida dela hoje. Minhas ações a fizeram entrar naquele carro no exato momento em que meus irmãos faziam a curva em alta velocidade. Se ela não estivesse chateada, talvez os tivesse visto antes. Talvez Sebastian não estivesse... morto? Vivo?

Droga, por que ninguém diz nada?

Hartley insiste que não está machucada, e os paramédicos concordaram, porque a examinaram e a deixaram ir para a sala de espera. Mas ela não parece muito bem agora. Está oscilando de leve. A respiração está curta. Ela também está mais pálida do que a parede branca atrás de sua cabeça, o que cria um contraste chocante entre sua pele e seu cabelo preto. Mas não há uma gota de sangue nela. Nenhuma. Fico fraco de alívio de ver isso, porque Sebastian estava coberto.

Minha garganta se enche de bile quando a cena do acidente surge na minha mente. Estilhaços do para-brisa quebrado caídos pelo asfalto. O corpo de Sebastian. A poça vermelha. Os berros de Lauren. Os Donovan já pegaram Lauren e a levaram pra casa, graças a Deus. A garota não parou de gritar desde o momento em que chegou ao Bayview General até a hora em que saiu.

— Hartley. — É a voz baixa de Ella, e sei que minha irmã postiça reparou na condição pálida de Hartley. — Venha se sentar um pouco. Você não está com uma cara boa. Sawyer, pegue um copo de água para Hartley.

Meu irmão mais novo desaparece sem dizer nada. Ele está um zumbi desde que o irmão gêmeo foi levado.

— Eu estou ótima! — grita Hartley, empurrando a mão pequena de Ella do braço. Ela se vira para o pai, ainda de joelhos bambos. — É *você* o motivo de Sebastian Royal ter se ferido!

O queixo de Wright cai.

— Como você *ousa* insinuar...

— Insinuar? — interrompe ela com irritação. — Eu não estou insinuando! Estou declarando um fato! Easton não estaria lá em casa esta noite se você não tivesse ameaçado mandar

minha irmã pra longe! Eu não teria ido atrás dele se ele não tivesse ido ver você!

*Isso faz com que tudo seja culpa minha*, eu sinto vontade de protestar, mas estou fraco demais e sou covarde demais pra isso. Mas é verdade. Eu sou o motivo de isso ter acontecido. Eu causei o acidente, não o pai de Hartley.

Hartley oscila de novo e, desta vez, Ella não hesita; fecha a mão no braço de Hartley e a força a se sentar.

— Senta — ordena Ella.

Enquanto isso, meu pai e o pai de Hartley estão se encarando de novo. Eu nunca vi meu pai tão puto.

— Você não vai poder pagar pra resolver isso, Royal.

— Sua filha estava dirigindo o carro, Wright. Será muita sorte se ela não passar o próximo aniversário no reformatório.

— Se alguém vai pra cadeia, esse alguém é seu filho. Porra, lá é o lugar de todos os seus filhos.

— Não ouse me ameaçar, Wright. Posso trazer o prefeito aqui em cinco minutos.

— O prefeito? Você acha que aquele babaquinha chorão tem coragem de me demitir? Eu já ganhei mais casos neste condado esquecido do que qualquer outro promotor na história de Bayview. Os cidadãos o crucificariam, e você...

Pela primeira vez em três horas, consigo encontrar minha voz.

— Hartley — eu digo com voz rouca.

O sr. Wright para no meio da frase. Ele se vira para mim com adagas no olhar.

— Não fale com a minha filha! Está me ouvindo, seu filhinho da puta ?! Não diga uma palavra pra ela.

Eu o ignoro. Meu olhar está grudado no rosto pálido de Hartley.

— Desculpa — eu sussurro para ela. — Foi tudo minha culpa. Eu provoquei o acidente.

Ela arregala os olhos.

— Não diga uma palavra pra ela! — É chocante, mas isso vem do meu pai, não do dela.

— Callum... — diz Ella, a expressão em seu rosto tão atônita quanto a forma como me sinto.

— Não! — grita ele, os olhos azul-Royal grudados em mim. — Nem mais uma palavra, Easton. Pode haver acusações criminais aqui. E *ele* — meu pai olha para John Wright como se ele fosse uma manifestação viva do vírus Ebola — é um assistente de promotor. Nem uma palavra sobre o acidente sem a presença dos nossos advogados.

— Típico de um Royal — diz Wright com desprezo. — Sempre acobertando uns aos outros.

— Sua filha bateu no carro do meu filho — sussurra meu pai. — Ela é a única responsável.

Hartley solta um choramingo. Ella suspira e acaricia o ombro dela.

— Você não é responsável — eu digo para Hartley, ignorando todo mundo. É como se estivessemos apenas nós dois naquela sala. Eu e aquela garota. A primeira garota com quem eu já quis passar um tempo sem ficar nu. Uma garota que eu considero minha amiga. Uma garota de quem eu queria ser mais do que amigo.

Por minha causa, essa garota está enfrentando a fúria do meu pai. E está tomada de culpa por um acidente que não teria acontecido se eu não tivesse me envolvido. Meu irmão mais velho, Reed, dizia que era o Destruidor. Ele achava que estragava a vida de todos que amava.

Reed estava errado. Sou eu quem ferra tudo.

— Não se preocupe, nós já vamos — rosna Wright.

Fico tenso quando ele anda na direção da cadeira de Hartley.

Ella passa o braço pelo ombro de Hartley em um gesto protetor, mas meu pai balança a cabeça bruscamente.

— Deixe que vão — diz meu pai. — O filho da mãe está certo, aqui com a gente não é lugar deles.

Minha garganta entala com o pânico. Não quero que Hartley vá embora e, principalmente, não quero que ela vá com o pai. Quem sabe o que ele vai fazer com ela.

Hartley obviamente concorda, porque ela recua na mesma hora quando o pai tenta segurá-la. Ela se solta do braço de Ella.

— Eu não vou a lugar nenhum com você!

— Você não tem escolha — diz ele. — Ainda sou seu guardião legal, quer você goste ou não.

— *Não!* — A voz de Hartley parece um trovão. — Eu não vou! — Ela vira a cabeça para o meu pai. — Escuta, meu pai é um...

Ela não termina a frase porque, no segundo seguinte, cai para a frente e desaba no chão. O som da cabeça batendo no piso vai me acompanhar até o dia em que eu morrer.

Cem mãos parecem se esticar para ela, mas eu chego primeiro.

— Hartley! — eu grito, puxando o ombro dela. — Hartley!

— Não mexe nela — grita o meu pai, e tenta me puxar.

Eu me solto da mão dele, mas a solto também. Me deito no chão para ficar com o rosto ao lado do dela.

— Hartley. Hart. Sou eu. Abre os olhos. Sou eu.

As pálpebras dela nem se mexem.

— Fique longe dela, seu bandido! — grita o pai dela.

— Easton. — É Ella, com a voz carregada de horror ao indicar a lateral da cabeça de Hartley, de onde um filete de sangue está saindo. Sinto vontade de vomitar, e não é só por causa do álcool ainda fazendo efeito nas minhas veias.

— Ah, meu Deus — sussurra Ella. — A cabeça dela. Ela bateu a cabeça com muita força

Eu engulo o pavor.

— Está tudo bem. Vai ficar tudo bem. — Eu me viro para o meu pai. — Chama um médico! Ela está machucada!

Alguém segura meu ombro.

— Eu disse pra ficar longe da minha filha!



— Fica você longe dela! — eu grito com o pai de Hartley. De repente começa uma agitação atrás de mim. Passos. Mais gritos. Desta vez, me permito ser levado. É como foi com Sebastian tudo de novo. Hartley está em uma maca, e os médicos e enfermeiras estão aos gritos, dando ordens uns para os outros enquanto a levam.

Fico olhando para a porta vazia, entorpecido. Atordoado.

O que acabou de acontecer?

— Ah, meu Deus — diz Ella de novo.

Minhas pernas não sustentam mais meu peso. Desabo na cadeira mais próxima e tento respirar. O que acabou de acontecer?

Hartley estava machucada esse tempo todo e não disse nada? Ou será que não tinha percebido? Mas, caramba, ela foi liberada pelos paramédicos.

— Disseram que ela estava bem — digo, gemendo. — Ela nem ao menos foi internada.

— Ela vai ficar bem — garante Ella, mas o tom de sua voz não é muito convicto. Nós dois vimos o sangue e o hematoma roxo se formando na têmpora, a boca frouxa.

Ah, porra. Eu vou vomitar.

Tenho que dar crédito a Ella; minha irmã não pula quando me inclino e vomito nos sapatos dela. Só faz carinho no meu cabelo e o afasta da minha testa.

— Tudo bem, East — murmura ela. — Callum, pega água pra ele. Não sei pra onde Sawyer foi quando mandei ele ir buscar. E você... — Suponho que ela esteja falando com o sr. Wright. — Acho que está na hora de ir. Vá esperar notícias de Hartley em outro lugar.

— Com prazer — diz o pai de Hartley com repulsa.

Percebo quando ele sai porque o ar na sala perde um pouco da tensão.

— Ela vai ficar bem — diz Ella novamente. — E Sebastian também. Todo mundo vai ficar bem, East.

Em vez de me sentir tranquilo, eu vomito de novo.

Ouço-a murmurar baixinho.

— Meu Deus, Reed, você pode *chegar* logo?

O jogo de espera recomeça. Eu bebo água. Meu pai e Sawyer ficam sentados em silêncio. Ella passa os braços em volta de Reed quando ele finalmente aparece. Ele teve que vir dirigindo da faculdade e parece exausto. Não o culpo, são três da madrugada. Estamos todos exaustos.

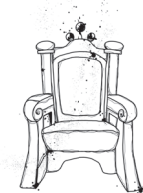
A notícia sobre a condição de Sebastian é a primeira a chegar. O ferimento na cabeça é a maior preocupação. Há um inchaço no cérebro, mas os médicos ainda não sabem dizer a gravidade.

Meu irmão mais velho, Gideon, chega um pouco depois de Reed, a tempo de ouvir a parte sobre o cérebro de Seb. Gid vomita na lixeira no canto da sala, mas acredito que, diferentemente de mim, ele não está bêbado.

Um médico diferente aparece na porta, horas depois. Não é o que operou Seb, e parece incrivelmente inquieto quando olha ao redor.

Eu me levanto. Hartley. Só pode ser sobre Hartley.

## Capítulo 2



HARTLEY

Uma forte luz direcionada para meu rosto faz com que eu acorde. Eu pisco, gogue, tentando decifrar formas nas manchas brancas na frente dos meus olhos.

— Aí está ela. A Bela Adormecida acordou. Como está se sentindo? — A luz pisca de novo. Levanto a mão para afastá-la e a dor que toma conta de mim faz com que eu quase desmaie.

— Bem assim, é? — diz a voz. — Vamos dar pra ela mais trinta miligramas de Toradol, mas cuidado com sangramentos.

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Alguém bate duas peças de metal, e eu faço uma careta.

O que aconteceu comigo? Por que estou com tanta dor, até meus dentes doem? Eu sofri um acidente?

— Calma. — A mão de alguém me empurra em uma coisa macia, um colchão. — Não se sente.

Um zumbido mecânico soa e a parte de trás da cama se levanta. Consigo desgrudar uma das pálpebras e, por entre os cílios, vejo uma grade de cama, a beirada de um jaleco branco e outra mancha escura.

— O que aconteceu? — pergunto com voz rouca.

— Você sofreu um acidente de carro — diz a mancha escura ao meu lado. — Algumas costelas do lado esquerdo do seu corpo se quebraram quando o airbag inflou. Seu tímpano se rompeu. O desequilíbrio no aparelho vestibular e um pouco de dispneia, que quer dizer falta de ar, fizeram com que você desmaiasse e batesse com a cabeça com força. Você sofreu uma concussão e um leve traumatismo craniano.

— Traumatismo craniano?

Eu levanto a mão até o peito, fazendo uma careta de dor, até conseguir encostar a mão no coração. Eu ofego. Dói. Abaixo o braço lentamente para a lateral do corpo.

— Ainda está batendo, caso você tenha dúvida. — Isso foi a voz original. Devia ser o médico. — Garotas mais baixas precisam sentar o mais longe possível do volante. Um airbag se abrindo é como levar um soco na cara com um caminhão de uma tonelada.

Fechei as pálpebras novamente e tentei lembrar, mas nenhuma imagem vinha à minha cabeça. Me sinto, ao mesmo tempo, vazia e cheia.

— Você sabe me dizer que dia é?

Dia... Eu os recito um a um na cabeça. Segunda, terça, quarta... mas nenhum parece ser o certo.

— Há quanto tempo... estou... aqui? — consigo perguntar. Minha garganta parece machucada, mas não sei como um acidente poderia provocar isso.

— Tome — diz a voz feminina e, em seguida, coloca um canudo nos meus lábios. — É água.

A água parece uma bênção, e engulo até o canudo ser tirado de mim.

— Já chega. Não queremos que você passe mal.

Passar mal com água? Eu lambo os lábios secos, mas não consigo reunir energia para argumentar. Me deixo cair sobre os travesseiros.

— Você está aqui há três dias. Vamos fazer um jogo — sugere o médico. — Você sabe me dizer quantos anos você tem?

Essa é fácil.

— Catorze.

— Hummm. — Ele e a enfermeira trocam um olhar que não consigo entender. Será que sou nova demais para as drogas que estão me dando?

— E seu nome?

— Claro. — Abro a boca para responder, mas minha mente fica vazia. Fecho os olhos e tento de novo. Nada. Um nada enorme. Em pânico, olho para o médico. — Eu não consigo...

— Eu engulo em seco e balanço a cabeça com força. — É...

— Não se preocupe. — Ele dá um sorriso tranquilo, como se não fosse nada de mais eu não conseguir lembrar meu nome. — Dê outra dose de morfina e um coquetel de Benzo para ela e me chame quando ela acordar.

— Pode deixar, doutor.

— Mas eu... espere — digo quando os passos dele se afastam.

— Shh. Vai ficar tudo bem. Seu corpo precisa do descanso — diz a enfermeira, colocando a mão no meu ombro.

— Eu tenho que saber... eu tenho que perguntar — eu me corrijo.

— Ninguém vai a lugar nenhum. Prometo que estaremos todos aqui quando você acordar.

Dói muito me mexer e, por isso, deixo que ela me tranquilize. Decido que ela está certa. O médico vai estar aqui, porque isto é um hospital e é aqui que os médicos trabalham. Por que estou aqui, como me machuquei, tudo isso pode esperar. A morfina, o coquetel de Benzo, seja lá o que for isso, parecem bons. Vou fazer mais perguntas quando acordar de novo.

Mas não durmo bem. Ouço barulhos e vozes; altas, baixas, nervosas, irritadas. Franzo a testa e tento dizer para aquelas

vozes preocupadas que vou ficar bem. Ouço um nome repetidamente: *Hartley, Hartley, Hartley.*

— Ela vai ficar bem? — pergunta uma voz masculina grave, a mesma que ouço dizer aquele nome, Hartley. É o meu?

Eu me inclino na direção da voz como uma flor procurando o sol.

— Todos os sinais indicam que sim. Por que você não dorme um pouco, filho? Se não dormir, vai acabar na mesma cama que ela.

— Bom, tenho esperanças — diz a primeira voz.

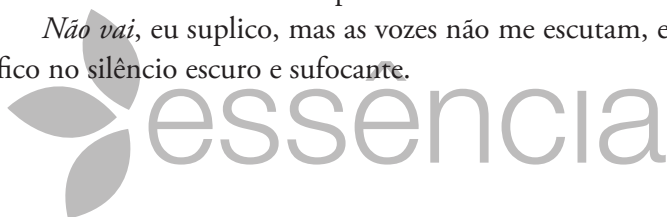
O médico ri.

— É essa a atitude certa.

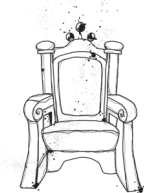
— Então eu posso ficar, né?

— Não. Ainda vou te expulsar.

*Não vai*, eu suplico, mas as vozes não me escutam, e logo fico no silêncio escuro e sufocante.



## Capítulo 3



EASTON

A ala Maria Royal do hospital Bayview General parece um necrotério. Uma neblina de dor envolve todas as pessoas na chique sala de espera. A nuvem escura está prestes a me engolir inteiro.

— Vou tomar ar — eu murmuro para Reed.

Ele aperta os olhos.

— Não faça nenhuma idiotice.

— Tipo botar meu filho em uma ala cujo nome é uma homenagem à mãe dele, que se matou? — debocho.

Ao lado do meu irmão, Ella suspira de frustração.

— Onde você teria colocado Seb?

— Em qualquer lugar, menos aqui. — Não consigo acreditar que esses dois não sentem as vibrações ruins deste lugar. Nada deu certo para nós neste hospital. Nossa mãe morreu aqui. Seb não lembra do coma e a cabeça da minha namorada quase se abriu.

Os dois me olham com dúvida e se viram um para o outro, iniciando uma conversa silenciosa. Eles estão juntos há mais de um ano, e os ciclos estão sincronizados ou alguma porcaria desse tipo. Claro que não preciso estar dormindo com nenhum dos dois para entender que estão conversando sobre mim. Ella está telegrafando que se preocupa que eu vá perder a cabeça, e Reed